

## ENTRETECENDO CONTEXTOS LATINO-AMERICANOS E TRAJETÓRIAS DE TRADUTORES EM FORMAÇÃO

### INTERWEAVING LATIN AMERICAN CONTEXTS AND PATHS FOR TRAINING TRANSLATORS

Lucie Josephe de LANNOY (UnB)

**RESUMO:** Ao refletir sobre a trajetória do Curso de Tradução Espanhol/UnB, ao longo destes últimos dez anos, ressaltamos os profissionais que se formaram e os pesquisadores em Tradução Espanhol da graduação e da pós-graduação. E, dentro dessa produção acadêmica que compreende áreas como a tradução técnica e científica, tradução de Direito, de Economia, entre outras, este trabalho concentra-se nos estudos que abrangem tradução literária, como é o caso da tradução dos contos: *Paco Yunque*, *María dos Prazeres*, *De dois, uma*, *A meia dos flamengos*, refletida à luz, tanto de teorias da literatura (Paul Ricoeur (1913-2005), Tzvetan Todorov (1939-2017), quanto de teorias da tradução literária (Antoine Berman (1942-1991), Henri Meschonnic (1932-2009). Destacam-se, assim, as obras de escritores latino-americanos como César Vallejo (1892-1938), Gabriel García Márquez (1927-2014), Daniel Sada (1953-2011), Horácio Quiroga (1978-1937), os quais foram abordados em pesquisas de Iniciação Científica, em Trabalhos de Conclusão de Curso, em disciplinas de Tradução de Textos Literários, de Leitura Crítica, e de Civilização Hispano-Americana. Essas abordagens dialogam com estudos realizados em outros cursos da área de Humanidades, revelando uma aproximação das trajetórias da formação dos tradutores com a interdisciplinaridade e a pluritemática de contextos latino-americanos, em busca de um espaço sempre mais aberto e dialógico no intuito de valorizar a produção e o perfil do tradutor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradutores em formação. Literatura hispano-americana. Perfil do tradutor. Contextos latino-americanos.

### Introdução

Este artigo foi escrito para prestar uma breve homenagem ao Curso de Tradução Espanhol da Universidade de Brasília, no seu décimo aniversário de existência, conforme expresso no título da Mesa 35 do Congresso Internacional de Humanidades 2019: “Dez anos do Curso Tradução Espanhol da UnB: a Literatura Latino-americana na formação do Tradutor” e, para refletir como as trajetórias de formação dos tradutores de português e espanhol, na Universidade de Brasília entrecruzam-se em contextos latino-americanos e em suas literaturas.

A origem do Curso, criado dentro do programa do Reuni, nos remete a uma reunião do Colegiado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução em 2008, ocasião em que se aprovou a criação de um Curso de Tradução no período noturno. Foi um modo de expandir o acesso ao Ensino Superior. E, então, pudemos acompanhar jovens que, até então, não tinham tido a possibilidade de alcançar um diploma universitário. E essa marca social que nos aproximou ao ideário de Darcy

Ribeiro se refletiu na alegria de uma trajetória de inclusão de um povo que, hoje, já percebemos, quão pouco torna a ser ouvido.

Contudo, os sonhos que se realizaram haverão de seguir crescendo. O tempo nos impõe uma pausa e, então, refletimos. Para Jorge Luís Borges (1969, p. 43), o tempo flui, como um rio, aquele no qual Heráclito disse que não podemos entrar duas vezes. Assim como não há um presente sem um conceito de tempo, para celebrarmos essa trajetória dos dez anos, precisamos de um conceito de memória. Não se trata de falarmos aqui de uma memória como arquivo do passado apenas, pois, como disse também Borges (1974, p. 1098), não há memória sem aprendizado. Trata-se de recordar (a partícula *cor*, do latim, coração), uma memória coletiva, memória que se projeta no futuro. Assim, fazer um memorial é deixar de estarmos presos ao passado, e, entre saudade e esperança, refletirmos sobre um percurso que aponta para a frente, pleno do potencial das iniciativas que tomamos, para nutrir e valorizar o empenho de muitos e seguirmos adiante, até mesmo com a incerteza de nossas escolhas estremecidas pela dinâmica dos desafios e das responsabilidades. Afinal, a vida é movimento e, o é, sobretudo, no ir e vir da tradução e das línguas.

O título desta comunicação fala do entretecido. Para mostrar a interação entre os tradutores em formação com o contexto latino-americano, recorro a uma imagem: a do tear. O tear está composto por vários tons de fios, na vertical e na horizontal, os quais se entretecem em um “duplo” contexto, o hispano-americano e o brasileiro, no duplo do eu e do outro, no das superfícies e no das profundidades, no da universidade e no da sociedade. E na verticalidade do tempo e no horizonte da formação do tradutor, abre-se um leque de cores, temas, imagens que vão se compondo. Importa, para o conjunto da obra, a tensão dos fios, a unidade apertada dos mesmos que permite ver bem o desenho, apreciar com nitidez o traçado do percurso.

Como já foi registrado no Projeto Político Pedagógico do Curso de Tradução Espanhol, André Lefevere constatava, nos anos 1980, que os Estudos da Tradução deixaram a esfera de atuação meramente linguística para voltar-se para o que gira em torno da produção literária, as margens da literatura, dentro de sua cadeia de relações com o político, o social, o cultural. Este aspecto serve de pano de fundo para compreender uma série de atividades desenvolvidas desde o início do Curso no intuito de significar uma aproximação com o contexto latino-americano.

O primeiro Congresso de Tradução do qual participamos professores e alunos, em 2010, foi em Montevideo, Uruguai. Vários dos estágios supervisionados dos tradutores em formação giravam em torno de traduções cujos temas remetiam, por exemplo, ao OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde; a um Estudo Geopolítico do Grupo de Segurança e Defesa da América Andina; à tradução da Constituição Brasileira ao espanhol; à tradução de Documentos de Cooperação das Forças Aéreas da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Uruguai, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai.

Uma lista extensa de obras literárias de autores hispano-americanos tem sido abordada, tanto do ponto de vista da teoria literária e da teoria da tradução literária, em disciplinas de *Leitura Crítica* e de *Tradução de Textos Literários* (em que conhecer o autor e o seu contexto reporta à tradução acadêmica), quanto na disciplina de *Civilização Hispano-Americana*, na qual somos convidados a visitar realidades latino-americanas, com autores como Tzvetan Todorov (1939-2017) ou Enrique Dussel (1934- ). Mas, em grupos de Iniciação Científica, em Trabalhos de Conclusão de Curso, em eventos de Extensão, em Congressos, em Grupos de

Pesquisa e até mesmo em estudos que seguem se desenvolvendo na pós-graduação, esse contato foi ainda mais intensificado.

Segundo Angel Rama (1926-1983), podemos dividir a América Latina em comarcas culturais. E, nesse sentido, realizou-se um mosaico de contatos com cada região: na do Rio da Prata, por exemplo, estudantes, cujos Trabalhos de Conclusão de Curso discorriam ora sobre a tradução de histórias em quadrinhos do argentino Dante Quitero (1909-2003), ora sobre a tradução de *Cuentos de la Selva*, do uruguaio Horácio Quiroga (1878-1937), ou ainda sobre Roberto Arlt (1900-1942), *Aguafuertes porteñas*, e Ricardo Güiraldes (1886-1927), *Don Segundo Sombra*, formando um entretocado muito rico de experiências linguísticas e culturais. Isso porque encontramos em *Don Segundo Sombra*, um aspecto “campeiro”, com uma linguagem própria dos pampas e do gaúcho herdeiro de um *Martín Fierro*, de José Hernandez (1834-1886). Já com Roberto Arlt, em *Aguafuertes Porteñas*, o tema aborda o *lunfardo*, falar próprio dos migrantes europeus, que foram para Argentina na primeira metade do século XX. A literatura torna possível essa aproximação cultural do tradutor em formação, mostrando cosmovisões diferentes e até mesmo o uso de variações linguísticas contextualizadas, entre outros aspectos. Ele percebe, então, onde põe os pés e isso lhe dá firmeza para a necessária abertura ao outro. Por meio da ampliação de noções de espaços e tempos, a sua linguagem acaba por conformar uma tradução confiável e o coloca em atitude de diálogo possível e desejado com *los hermanos* latino-americanos.

### Reflexões sobre três experiências de pesquisas em tradução literária

O Projeto de Iniciação Científica – Tradução de Literatura Hispano-Americana: reflexões teóricas segundo Henri Meschonnic, Antoine Berman e Paul Ricoeur – congregou três pesquisadores, de três áreas diferentes das Letras – Licenciatura Espanhol, Tradução Espanhol e Línguas Estrangeiras Aplicadas. Cada um desenvolveu uma pesquisa diferente. Os temas, como veremos a seguir, abordam comentários de tradução de um conto de Gabriel García Márquez, a retradução parcial comentada de um conto de Daniel Sada e a tradução de um conto de César Vallejo.

1 – A primeira, das três experiências, trata da tradução comentada do conto “María dos Prazeres”, da obra do Prêmio Nobel colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), *Doce cuentos peregrinos* (2012), no qual todos os personagens são latino-americanos que se encontram na Europa e atravessam algum tipo de problema, dificuldade, desventura. María dos Prazeres é uma brasileira, nascida em Manaus. Observou-se o jogo de aspectos palpáveis, revelando-se outros mais sutis e ocultos pela linguagem e que iam se manifestando através do diálogo entre a pesquisadora e o texto. Esse diálogo ajudou a perceber como a linguagem transcende o espaço e o tempo. E, ao mesmo tempo, vislumbrou a importância de se conhecer a época e o contexto histórico para melhor situar-se nas escolhas tradutórias. Estes desdobramentos encontram eco nas palavras de Meschonnic (1999, p. 95-96): “A tradução não põe somente literaturas em contato. Ela não põe línguas em contato quando se trata de literatura. É o trabalho das obras junto às línguas, e das línguas junto às obras, que a tradução traduz quando se inventa como relação”. Essa relação da pesquisadora com a obra, pode ser exemplificada, por meio das reflexões sobre a leitura do conto, como um trecho da pesquisa, copiado a seguir, nos revela:

“O narrador apresenta a María por meio de descrições da sua aparência e de aspectos internos da sua personalidade: ‘se sentia tão indesejável’ (p. 121); ‘havia perdido a compaixão pelos homens’. Isso permite ir introduzindo o leitor numa relação com a personagem que irá supondo a profissão que exerce antes da mesma o revelar, sem deixar, assim, de criar empatia ou cumplicidade.

O título chama a atenção pois o nome, María, está escrito em espanhol, com acento, mas o sobrenome que o acompanha figura em português dos Prazeres. Na página 126, a terceira do conto, María revela que vive da prostituição: “– Sou puta, filho!” Essa confissão, contudo, que poderia dar sentido ao sobrenome (dos Prazeres), à medida que o leitor aprofunda no relato, talvez pelo modo sincero e ou espontâneo de ser da personagem, irá deslocando o sentido para ir se revelando além das aparências. Aos setenta e seis anos de idade, María tem a premonição de que ela deverá morrer antes do Natal.

Depois de um sonho, aparentemente profético, então, Maria dos Prazeres pensa que sua morte está próxima, e a história se desenrola na organização do seu enterro. No decorrer da trama, ciente do seu fim, Maria passa a fechar vários ciclos de sua vida. Define o fim dos móveis, com quem ficará o cachorro e termina o seu caso com o Conde Cardona, mas algo estranho lhe acontece: ela se sente mais vivaz e disposta. No final do livro, isso se mostra revelador, pois ela não morre literalmente e sim renasce para uma nova existência, uma nova fase, toda a sua trajetória de sofrimento e abusos foi superada e ela enfim se encontra pronta para se permitir sentir e talvez se apaixonar. A obra parece ver o amor como algo redentor e libertador. Depois de resumir o enredo, os comentários passam a centrar-se em reflexões sobre as metáforas e as opções tradutórias feitas pelo tradutor Eric Nepomuceno, relacionando-as a teorias da tradução literária”.

2 – Um outro projeto de Iniciação Científica elabora uma retradução parcial do livro “*Una de dos*” (1994) que é uma novela escrita por Daniel Sada (México, 1953-2011), em que as irmãs gêmeas Constitución e Gloria Gamal partilham de histórias, momentos, personalidades e companheiro. As irmãs se mostram muito à frente do tempo que vivem, tentam desgarrar-se das pressões da sociedade, mas são puxadas para a ideia de que a mulher precisa de um companheiro e formar uma família, até que elas percebem que são autossuficientes e compreendem que não precisam de mais ninguém além de si mesmas. Segundo o comentário, no posfácio, de Adriana Jiménez García, “a penetração do olhar do narrador é tão profunda, e seu modo de enunciar tão eloquente, que fica impossível não se envolver nessa história na qual a vontade de *tornar-se uma* prevalece contra soluções *normais*” (Jiménez García, *apud* Sada, 2016, p. 100). E essa comentarista nos lembra, também no posfácio, que “o léxico popular é uma enorme caldeira cheia de mistérios a serem resolvidos” (*id.*), favorecendo o desejo de retraduzir para, de alguma forma, compensar a insatisfação de uma primeira tradução. De acordo com Freud (1856-1939), o *duplo*, apesar de parecer-nos desconhecido, estranho a nós mesmos, sempre esteve presente no nosso psiquismo, pronto para ressurgir e provocar-nos uma sensação de estranheza. O fato de as personagens serem gêmeas, idênticas, mas com diferenças no comportamento que surpreendem, reporta para essa questão do duplo tão cara à teoria literária. E aqui também se questiona até onde se poderia pensar o duplo da tradução e da retradução e outras analogias. Afinal, esse termo vem do alemão “*doppelgänger*”, aquele que caminha do lado, companheiro de

estrada. Ao mesmo tempo, Paul Ricoeur (2011, p. 22) nos sugere comparar a tarefa do tradutor com o duplo sentido que Freud dá à palavra “trabalho”, “trabalho da lembrança” e “trabalho do luto”, uma vez que na tradução se consente a perder algo e a uma certa salvação. A elaboração dessas questões o conduz a dizer que: “é na retradução que se observa melhor a pulsão de tradução sustentada pela insatisfação no que concerne às traduções existentes” (Ricoeur, 2011, p. 27). Dessa forma, apesar de tantos pontos críticos, nos quais o tradutor tem que tomar decisões baseados na sua imaginação, sensibilidade, criatividade, a proposta de retraduzir resultou em um desafio que levou a pesquisadora a desejar um maior contato com a cultura e o contexto mexicano.

**3** – O terceiro pesquisador se debruçou com a tradução do conto *Paco Yunque* do escritor e poeta peruano, César Vallejo (1898-1938). Esse conto é leitura obrigatória nas escolas do Peru. Conta as vicissitudes de um menino tímido, de origem humilde, Paco Yunque, mas, muito inteligente. Ele foi trazido do campo para acompanhar Humberto Grieve ao colégio e brincar com ele porque os dois têm a mesma idade. A mãe de Paco trabalha como empregada na casa dos Grieve. Humberto é filho do poderoso prefeito da cidade, uma criança malcriada, insolente, abusa constantemente de Paco Yunque. Humberto era mau, batia em todo mundo, por qualquer motivo, o tempo todo. A proposta de tradução, em princípio foi o desejo de adaptação para um projeto de leitura com crianças da Estrutural do DF. A linguagem do conto é simples, não faltam, porém, jeitos populares de dizer, ditados e peruanismos/regionalismos. As palavras, tais como *hurtadillas*, *asordado*, *atolondrado*, *bacinica*, *cuartilla*, *empellón*, *increpar*, *patalear*, etc. levaram-no a refletir sobre a questão que coloca Antoine Berman, das tendências deformadoras da tradução: como encontrar o fiel da balança entre vários elementos, tanto culturais, quanto linguísticos e, inclusive, tendo essa proposta da recepção esperada. Para Berman, “infelizmente, o vernacular não pode ser traduzido a outro vernacular” (p. 82), sob pena de tornar ridículo o original. E, Berman ainda observa que “toda obra comporta um texto subjacente (...) formando redes sob a superfície do texto. “É o subtexto que constitui uma das faces da rítmica e da significância da obra” (p. 79). Por estas e outras reflexões, a experiência motiva a valorar tanto o aprofundamento nas teorias literárias quanto das teorias da tradução literária.

### Considerações finais

Para concluir, dentro do tear do curso da história e da história do Curso, são muitas as relações e os desenhos conformados num tecido infinito de processos da formação do tradutor e do contato com diversos contextos latino-americanos. Aqui, para nos situar no momento em que vivemos, cito Donatella di Cesare, que resume: “neste shopping planetário, o dia aspira a se tornar permanente, em luz artificial e sem nenhuma pausa. Mas, o mundo acelerado, paradoxalmente, acaba em inércia”. E nesse supermercado, sem altura nem profundidade, a variedade infinita de ofertas não permite uma possibilidade do *além*. Entretanto, como ensina Meschonnic, o ritmo do texto revela o artesão e o sujeito.

Então, a experiência nos mostra a tradução como uma atividade transformadora, sobretudo neste momento pelo qual atravessa o mundo, em que o tradutor luta a contrapelo do que se impõe: à falta de sensibilidade, ele precisa desenvolver a sensibilidade; à privação de memória, ele valoriza as diferentes memórias, à impossibilidade de reflexão, ele desenvolve um senso sempre mais



apurado de reflexão para obter uma tradução confiável e uma percepção sempre mais aguçada do seu ofício e do outro. Negar o outro é, pois, também autonegação.

Para a questão da hospitalidade, em um mundo de hostilidade, contamos com teóricos da tradução como Antoine Berman, autor do livro sobre a tradução cujo título é *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. A partir de sua leitura, infere-se que o tradutor lida com o estranhamento e até mesmo com a graça da excentricidade;. Assim, estar no mundo não é percebê-lo como estar em uma bolha ou em um *container*, mas em um universo em expansão. Por último, mais do que insistir no Curso, precisamos vê-lo existir, emergir, estender-se para fora, seguindo a se transformar e a transformar a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ARLT, Roberto. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires: Losada, 1933.
- BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. *Constructing cultures*. London: Multilingual Matters, 1998.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. 2. ed. Trad. de Marie-Hélène C. Torres, M. Furlan e A. Guerini. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- BORGES, Jorge Luís. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- BORGES, Jorge Luis. *Poesía completa*. Buenos Aires: Emecé, 1969.
- CESARE, Donatella di. Do sonambulismo de massa à exofobia. *Revista IHU on-line*, Instituto *Humanitas*, Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/592692-do-sonambulismo-de-massa-a-exofobia-artigo-de-donatella-di-cesare10/2019>. Acesso em: 21 set. 2019.
- DUSSEL, Enrique. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Delta, 1976.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Doce cuentos peregrinos*. Barcelona: Mondadori, 2012.
- GUIRALDES, Ricardo. *Don Segundo Sombra*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1983.
- HERNANDEZ, José. *El gaúcho Martín Fierro*. Buenos Aires: La Pampa, 1872.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SADA, Daniel. *Una de dos*. México: Alfaguara, 1994.
- QUIROGA, Horacio. *Cuentos de la selva*. Buenos Aires; Madrid: Anaya, 2001.
- QUITERNO, Dante. *Las andanzas de Patoruzú*. Buenos Aires: Dante Quiterno, 1956.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Trad. de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

TODOROV, TZVETAN. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VALLEJO, César. *Paco Yunque*. Lima: Biblioteca Latinoamericana, 2013.